

## A CRIATIVIDADE EM RABINDRANATH TAGORE

Kleber Duarte Barretto<sup>1</sup>  
PUC-SP

“--- Fruto meu, estás muito longe de mim?  
--- Estou escondido em teu coração, minha flor.”  
(Tagore, R.-Pássaros Perdidos)

Este trabalho, que faz parte da pesquisa de doutorado do autor, visa a apresentar as idéias do poeta hindu (bengali) sobre o Homem que está presente em todos os seres humanos e suas implicações na concepção de criatividade. Segundo o poeta, este Homem seria a expressão da Personalidade (Divina) na singularidade humana. Observamos em sua obra não só a sacralização do ser humano, mas também a necessidade desse sacralizar seu cotidiano. “*Como um diamante lapidado que necessita da luz do céu para se mostrar, a alma humana por si própria não pode expressar sua essência, e permanece na escuridão. Somente quando ela reflete a luz de algo maior que si mesma, é que ela se encontra*”. (apud Dutta e Robinson, p.216)

Há alguns anos venho me deliciando com os escritos de Tagore, especialmente sua obra poética. Este deliciar não se restringe à esfera do prazer, até mesmo o prazer estético, mas compreende uma série de experiências de *Self*. Gradualmente fui me dando conta da profundidade dos escritos do poeta, que também era filósofo, místico, romancista, dramaturgo, compositor, cantor e ator. Existe em seus escritos — verso e prosa, além de palestras proferidas em diversas partes do mundo — uma concepção de homem que os atravessa. Poder clarear e apresentar esta concepção poderia ser valioso não apenas para o pesquisador, mas também para aqueles que se preocupam com as questões existenciais do ser humano e que buscam instrumentos para potencializar o desenvolvimento psíquico. Como falar da existência humana sem nos mergulharmos na questão da criatividade? E neste ponto temos em Tagore um importante interlocutor pois não só nos apresenta reflexões a respeito da criatividade e da arte, mas também porque contemplou o mundo com sua vida profundamente criativa. Destacou-se no campo da literatura sendo laureado com o prêmio Nobel em 1913. Porém, além de poeta foi educador, filósofo, místico, romancista, dramaturgo, compositor, cantor, ator e pintor. Penso que seria mais interessante apresentar uma breve biografia sua.

Rabindranath Tagore nasceu em Calcutá (Bengala-Índia) em 1861, décimo quinto e último filho de Maharshi Debendranath Tagore e Sarada Devi. Os Tagores eram uma família brâmane famosa de reformadores religiosos e sociais, músicos e artistas. Rabindranath cresceu em uma atmosfera literária. Em seus primeiros anos foi educado, juntamente com seus irmãos e por estes também, por tutores particulares na propriedade da família. A experiência na escola mostrou-se desastrosa, o que fez com que os familiares descreditassem do futuro do rapaz que apesar de possuir alguns talentos musicais e

---

<sup>1</sup> Psicólogo formado pela USP, mestre e doutorando em Psicologia Clínica pela PUC-SP.

literários não se adaptou de forma alguma ao sistema acadêmico. Em 1877 fez sua primeira viagem para a Inglaterra, na qual viveu por alguns meses. Na idade de 24 anos foi para o interior para cuidar das propriedades de seu pai, onde escreveu muito de seus trabalhos. Tagore começou a escrever versos em bengalês ainda menino e em 1890 publicou seu primeiro volume de poesia, *Manasi*. De 1891 a 1895 ele foi o principal colaborador de *Sadhana*, um proeminente jornal literário bengalês. A este período pertence seu primeiro grupo de peças, *Chitrangada*, *Sacrifício*, *O Rei e A Rainha e Malini*, e duas coleções de poesias, *Chitra*, a qual contém alguns de seus melhores trabalhos, e *Sonar Tari*. Sua coleção de poemas mais celebrada, *Gitanjali*, foi publicada em 1909, e no ano seguinte *O Rei do Quarto Escuro*, uma peça profundamente tocante. Em 1912 visitou novamente a Inglaterra, levando com ele uma tradução inglesa de *Gitanjali*. A grandiosidade desta obra foi imediatamente reconhecida por W.B. Yeats e William Rothenstein e no seu lançamento em 1913 recebeu um grande reconhecimento na Europa e na América. Tagore recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1913 e o título de *Sir* da coroa britânica em 1915. Ele passou grande parte da última metade de sua vida viajando, e visitou quase todos os países da Europa e Ásia, além dos Estados Unidos e Argentina.

No Ocidente sua fama recai principalmente sobre suas traduções e versões de seus versos místicos, mas na Índia, e particularmente em sua nativa Bengala, ele é reconhecido igualmente por suas outras realizações. Ele foi um educador de grande originalidade e imaginação e em 1901 fundou sua famosa escola em Santiniketan, Bolpur, que mais tarde se transformou em uma instituição internacional chamada Visva-Bharati. Ele foi um músico consagrado que compôs mais de 2000 canções, desenvolvendo seu próprio estilo musical que recebeu seu nome. Como pintor, exibiu seus trabalhos em Moscou, Berlim, Paris, Birmingham e Nova York. Publicou cerca de 60 coleções de poesias e numerosos trabalhos em prosa, incluindo romances, contos, artigos, palestras e peças de teatro. Rabindranath Tagore morreu aos 80 anos (1941) em sua cidade natal Calcutá na casa onde nasceu.

\* \* \*

Antes de nos adentrarmos na questão da criatividade para Tagore, somos forçados a apresentar sua concepção de homem. Isto porque a criatividade para ele está profunda e inseparavelmente ligada à maneira como ele compreende o ser humano.

De acordo com o poeta --- apoiado, é claro, na tradição cultural e religiosa hindu, especialmente o brahmanismo --- o homem é criação de um Ser Supremo como expressão do amor divino. Assim sendo o ser humano só se realiza na medida em reconhece em si e no mundo a presença do Criador. Instala-se o campo do paradoxo na existência humana: o infinito habitando o finito, aquele que é sem-forma manifestando-se na forma. O Homem presente no homem; a Pessoa Suprema manifestando-se no homem pessoal; a Personalidade que se expressa na singularidade humana.

A criatividade nesta perspectiva é a manifestação da presença divina em cada um de nós:

*“Ele está no meu mais íntimo, e é  
aquele que desperta o meu ser com os seus  
toques profundos e escondidos.*

*Ele é quem põe o seu encanto em  
meus olhos e alegremente pulsa as cordas  
do meu coração em cadências variadas de  
prazer e pesar.*

*Ele é quem tece a tela dessa ilusão em  
vaporosos matizes de ouro e prata, azul e  
verde, deixando aparecer entre as dobras  
os seus pés, em contato com os quais eu  
esqueço a mim mesmo.*

*Passam-se dias, os anos se esvaem, e é  
sempre ele quem move o meu coração com  
mil nomes e disfarces, em muitos êxtases de  
alegria e tristeza.*

(Tagore, R.- Gitanjali. 1991, p. 72)

Podemos observar nesse poema que a relação com o mundo e a percepção da beleza se dá através do Ser Supremo que nos habita. São inúmeras as referências que Tagore faz ao Criador como poeta, músico, enfim um artista.

*“Ó Mestre poeta, eis-me aqui sentado aos teus pés!  
Permite apenas que eu torne simples e reta  
a minha vida, como flauta de bambu, para  
que tu enchas de música.”(idem, p.7)*

ou ainda,

*“Meu Deus, que divina bebida  
esperas dessa taça transbordante da minha vida?”*

*Meu poeta, o teu prazer é contemplar  
a tua criação através dos meus olhos, e  
ficar silenciosamente postado nos umbrais  
dos meus ouvidos para ouvir a tua própria  
harmonia eterna?”(idem, p.65)*

Perguntas às quais ele mesmo responde em *Personality* (1985, p.55; tradução própria) ao afirmar que o homem “é o instrumento da finitude sobre o qual o Músico Eterno toca sua música dançante da criação”. Mas será que a nós não caberia nenhuma participação nesta obra? Haveria alguma liberdade criativa para o homem? “Nossa liberdade como criador encontra sua alegria mais alta em contribuir com sua própria voz no concerto da música do mundo” (idem, ibidem). A união do humano com o divino, daquele que é finito com o infinito atravessa a busca do poeta e por que não dizer de todo homem?

*“Há muitas cordas no teu  
alaúde, mas deixa que entre elas eu*

*coloque a minha. Então, quando tocares as  
tuas cordas, o meu coração romperá o seu  
silêncio, e a minha vida se unirá à tua canção.*

*Deixa-me colocar a minha pequena  
lâmparina entre as tuas inúmeras  
estrelas. Então, na tua festa das luzes, o  
meu coração palpitará de alegria, e a  
minha vida se unirá ao teu sorriso.”*

(Tagore, R.- Presente de Amante e Travessia. 1991, p.68)

Reconhecemos nestes versos o homem possuindo criatividade que pode ou não ser utilizada na relação com seu criador. Temos aí a questão do livre arbítrio, da escolha de cada ser humano em busca da união ou da dualidade.

Na perspectiva do poeta toda criação, ou seja, toda criatividade refere-se à necessidade de conhecermos o divino, mais que isso, de entrarmos em contato com Ele e estabelecermos uma relação íntima e pessoal com este Ser Supremo. *“Portanto, o grande grito do homem pessoal tem sido conhecer a Pessoa Suprema. Desde o começo de sua história, o homem tem sentido o toque da personalidade (divina) em toda criação, e tentado dar a ela nomes e formas, tecendo-a em lendas ao redor de sua própria vida e a vida de seus povos, oferecendo-a cultos e estabelecendo relações com ela através de inúmeras formas de cerimônias. Este sentimento do toque da personalidade tem dado o impulso centrífugo no coração do homem para se desmanchar em intermináveis ondas de reação: em canções e pinturas e poemas, em imagens e templos e festividades.”* (1985,pp.69-70).

Seria interessante aprofundarmos um pouco mais a questão do homem-criador. Como assinalamos anteriormente, a criatividade é uma suprema dádiva de Deus ao homem. Este possui a liberdade de escolher por criar a dualidade ou a união com seu criador. Criar com o criador é criar a si mesmo como manifestação da Personalidade Suprema: a criatividade do olhar, da ação no mundo, da devoção. O caminho da dualidade leva à perda da união, da sacralidade, do contato com a Beleza. Estes dois caminhos possíveis fornecem elementos para refletirmos sobre a experiência da criatividade na pós-modernidade. Podemos perceber neste período em que vivemos um império da tecnologia; uma fragmentação cada vez maior do homem e da cultura; enfim, a coisificação da vida humana e da Natureza. Existe uma entronização da dualidade, gerando criações que recebem o nome de arte, mas que mais se assemelham a aberrações.

Acreditamos que a condição da existência e realização humana passam pelo caminho da união, em outras palavras, do amor. Assim sendo, juntemo-nos ao poeta para celebrar a vida que nos foi presenteada:

*“Vamos viver. Vamos Ter a verdadeira alegria da vida, a qual é a alegria do poeta ao derramar a si mesmo em seu poema. Vamos expressar nossa infinitude em tudo que se encontra ao nosso redor, nos trabalhos que fazemos, nas coisas que usamos, nos homens com os quais lidamos, no contentamento do mundo que nos cerca. Deixemos nossas almas*

*permearem nossas cercanias e criarem a simesma em todas as coisas, e mostrar sua totalidade preenchendo as necessidades o tempo todo. Esta nossa vida foi preenchida com os presentes do doador divino. As estrelas têm cantado para ela, ela tem sido abençoada com a benção diária da luz da manhã, as frutas têm sido doces para ela, e a terra tem espalhado seu tapete de grama a fim de que ela possa ter o seu descanso. E deixe-a que, tal qual um instrumento, desmanche-se completamente em música da sua alma em resposta ao toque da alma infinita.” (idem, pp.63-64)*

Talvez o único remédio para o tipo de sofrimento que assola o homem nestes tempos pós-modernos e que se expressa através do vazio, da futilidade e da falta de sentido em viver; seja o caminho da união com a Vida, fecundando e nos deixando fecundar por tudo e todos que nos cercam.

Concluindo, gostaria de lembrar a todos nós que “*escondido no coração das coisas, tu alimentas as sementes para que elas brotem, os botões se abram em flor, e as flores deixem o lugar para os frutos.*” (Gitanjali,p.81)

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

DUTTA, K. e ROBINSON, A.- *Rabindranath Tagore: an anthology.*  
New York: St Martin's Press,1997.

TAGORE, R.- *Gitanjali.* São Paulo: Paulinas,1991.

- *Pássaros Perdidos.* São Paulo: Paulinas,1991.

- *Presente de Amante e Travessia.* São Paulo: Paulinas,1991.

- *Personality.* Madras: Macmillan, 1985.